**AUDIO-2025-02-14-12-57-38**

**Transcribed by** [**TurboScribe.ai**](https://turboscribe.ai/?ref=docx_export_upsell)**.** [**Go Unlimited**](https://turboscribe.ai/subscribed?ref=docx_export_upsell) **to remove this message.**

Então, o meu interesse no levantamento histórico das genealogias de famílias brasileiras é investigar uma possível aplicação disso no sistema de saúde, no sistema único de saúde, que é um sistema de saúde público. Porque com esse levantamento histórico, a gente consegue analisar quando que foi declarado, quando que foi feito algum processo de identificação étnico-racial com relação, por exemplo, à cor da pele. Então, por exemplo, a gente consegue traçar e entender qual que é a ancestralidade de uma pessoa, de uma família com base nesse tipo de identificação.

Então, por exemplo, na Bahia, em Salvador, o Diogo Álvares Caramuru e a Catarina Paraguaçu, ele português, ela indígena, parece que os registros históricos falam Tupinambá. Então, a gente, eu não sei se, por exemplo, seria possível ter autorização de fazer um sequenciamento de DNA antigo do Diogo Álvares Caramuru e da Catarina Paraguaçu, mas um descendente sabidamente desse casal, a gente pode investigar qual que seria o DNA português desse descendente, qual que seria o DNA Tupinambá. Então, desta forma, a gente pode estudar qual que é a ancestralidade, vamos colocar, Tupinambá de um brasileiro vivente, mas precisa daquele tal termo de consentimento livre e esclarecido.

Então, uma sequência, não se pode estudar uma sequência genética apenas aleatoriamente, tem esse tipo, pode a gente ter esse termo de consentimento livre e esclarecido das pessoas, mas acredito que eu quero dizer que isso parece mais difícil tanto de ter o consentimento quanto de financiar o sequenciamento em si, mas talvez a pesquisa genealógica e a gente conseguir identificar qual que é a origem genealógica, a origem genética, a ancestralidade dos brasileiros não seja uma coisa tão difícil ou impossível, talvez seja mais fácil. Então, por isso o meu interesse no extremo sul da Bahia, porque é a região onde eu cresci, é a região onde os portugueses primeiro chegaram. Não tenho muito conhecimento histórico de como é que foram as lutas de colonização dos portugueses nessa região, a única coisa que eu sei é que eu falo português.

Então, daí o interesse nessas, por exemplo, na Curia de Ocesana de Alcobaça, que é da onde deriva Teixeira de Freitas, Alcobaça e Caravelas. Eu não sei se tem esse tipo de registro da Igreja Católica em Teixeira, mas é porque eu acredito que existe algum valor de fazer o cruzamento das informações históricas que eram através da Igreja Católica até, acredito que, 1889, que é o ano da Proclamação da República, e cruzar esses dados com os dados do SUS atuais, onde as pessoas declaram ou declaram a cor da pele e a raça das pessoas sem nenhuma investigação genética. Então, acho que o meu interesse seria fazer a investigação genética e cruzar dado genealógico com dado genético e gerar um produto ou uma aplicação para o Sistema Imunológico de Saúde, onde a gente pudesse, por exemplo, estudar qual que é o risco da pessoa desenvolver câncer, qual que é o risco genético da pessoa desenvolver câncer.

Já explicando aqui outro ponto que eu já comentei com você, Ivana, as pessoas que são, chama o termo técnico na minha cabeça, que eu vou saber identificar do que eu estou falando, é haplogrupo K. O que é haplogrupo mitocondrial K? É um tipo de herança mitocondrial que vem do norte da Europa e veio para o Brasil na invasão holandesa. Historicamente se chama invasão holandesa. Quando os holandeses invadiram o Brasil.

Então, esse haplogrupo está associado ao judeu, à ancestralidade judia askenazi, logicamente, não logicamente, mas possivelmente ele está ligado à cor de pele branca e à identificação do branco com o norte da Europa, a identificação com a cor de pele branca do norte da Europa. Então, esse haplogrupo K, eu tenho interesse genético nesse tipo de herança, e como eu não sei se eu falei, nesse áudio aqui eu não falei, mas a herança mitocondrial é a herança feminina, é a herança matrilineal, então é só das mulheres, a sequência mitocondrial de uma pessoa vem da mãe, não vem do pai. Então, esse haplogrupo K, ele tem menor probabilidade de desenvolver neuroblastoma, que é o câncer pediátrico que eu estudo no meu pós-doc, então essa pessoa tem menos risco.

Porém, no Brasil, a gente tem ancestralidade, esse tipo de ancestralidade do norte da Europa e judeu askenazi, na pele branca, na identificação da pele branca ou da raça branca, mas também na pele branca da raça branca do Brasil, se eu posso falar isso, a gente também tem outros tipos de herança, como outros haplogrupos europeus e também como haplogrupos africanos e indígenas. Então, a pergunta que é interessante da gente fazer é como é que é o menor risco de uma pessoa que tem pele branca de origem do norte da Europa comparado com uma pessoa também de pele branca, ou que se autodeclara de pele branca, mas que tem ancestralidade africana. Então, eu acho que a gente começa a se perguntar, por exemplo, sobre as formas de tratamento, o tratamento que recebe uma pessoa que tem ancestralidade do norte da Europa, ou uma pessoa branca, aliás, o tratamento que recebe uma pessoa de pele branca que tem origem no norte da Europa, sua herança materna no norte da Europa, uma pessoa de pele branca no Brasil que recebe, qual tratamento recebe essa pessoa que tem origem africana e qual é o tratamento que recebe uma pessoa de pele branca ou de raça branca, que tem a sua origem mitocondrial ou a sua ascendência materna indígena.

Então, são questões que seria interessante de se estudar comparando com registro genealógico. Eu espero que tenha ficado um pouco claro e desculpa esse áudio super hiper longo.

**Transcribed by** [**TurboScribe.ai**](https://turboscribe.ai/?ref=docx_export_upsell)**.** [**Go Unlimited**](https://turboscribe.ai/subscribed?ref=docx_export_upsell) **to remove this message.**